



Economia para Trabalhadores

Ano IV, Edição XLI

Outubro de 2016

Nesta edição:

Opinião 2

Atividade industrial - Brasil 3

Atividade Industrial - Santa Catarina 4

Indicadores 5

Apresentação

Caros(as) companheiros(as), esta é a 41ª edição do Economia para Trabalhadores, o boletim mensal da subseção do Dieese na Fetiesc. Este boletim de outubro está saindo com atraso de, aproximadamente, 15 dias, o que não é pouco para um boletim mensal. Acontece que, como vocês perceberão nos indicadores industriais de Santa Catarina, as pesquisas da Fiesc para os meses de agosto (Indicadores Industriais) e setembro (Índice de Confiança do Empresário Industrial), não foram divulgados ainda. Ao invés de replicarmos os números da edição anterior, optamos por divulgar esta edição sem estes dados atualizados, que deverão ser apresentados no boletim de novembro.

No texto de opinião, que abre este boletim, procuramos tratar um pouco do cenário complicado que está colocado para o sindicalismo. Destacamos o importante papel desempenhado pela juventude neste momento na política brasileira. Nas seções consequentes, descrevemos o comportamento da indústria em âmbito nacional e estadual. Os indicadores não são bons, pois apresentam uma atividade em retração, apesar da desaceleração da queda. O emprego, em Santa Catarina, já apresenta crescimento, mas cabe destacar que este ocorre sobre uma base muito baixa.

A alta recente do dólar, diretamente relacionada aos últimos acontecimentos nos Estados Unidos e aos comunicados do FED, volta a contribuir para a atividade industrial, em tese, principalmente em função da diminuição brutal do consumo interno, em função do aumento do desemprego e das políticas de arrocho salarial. No entanto, a demanda em importantes mercados consumidores de manufaturados aqui fabricados também está em retração e há forte tendência de crescimento de políticas protecionistas em diversos países. A Argentina, importante parceiro comercial, por exemplo, já adotou medidas neste sentido ameaçando impactar setores que vinham apresentando recuperação no emprego, como o de calçados e o têxtil. Além do mais, contra a recente e abrupta alta do dólar o Banco Central interviu para atenuar seu efeito sobre a inflação, cujo controle é objetivo maior da política monetária.

Os indicadores de conjuntura, na seção final, dão conta de que, infelizmente, o nível de atividade no último trimestre do ano não deverá ser dos melhores e o baixo crescimento previsto para 2017 começa a dar lugar para projeções de estagnação. Enquanto isso, o ajuste pesado proposto pelo governo e cobrado pela banca segue seus trâmites entre os Poderes, que "entre tapas e beijos" buscam harmonizar-se contra o que é de interesse da população. Fazem isso ao buscar mudanças na legislação trabalhista, nos direitos previdenciários e assistenciais.

Boa leitura!

Opinião* - "E precisamos todos, todos, rejuvenescer"

Este ano de 2016 tem sido um ano pesado no Brasil. Ele deve ficar marcado na história, como síntese, pelo impedimento da presidente eleita, Dilma Rousseff. Mas a complexidade da crise e as incertezas instaladas no país e no mundo, oferece um prato cheio para qualquer pessoa que procure compreendê-la.

Um dos aspectos importantes da análise é a revelação do conflito de classes, depois de um período de, aproximadamente, 10 anos de relativa paz política, onde o crescimento econômico permitiu a adoção de um modelo político que atendesse os interesses de diferentes estratos econômicos e sociais da população. Cabe destacar que a classe média, sobretudo pela caracterização de renda média e meia idade, esteve numa condição de menor favorecimento na movimentação percebida na pirâmide social.

De um modo geral, pode-se constatar, inclusive através de pesquisas, que nas manifestações populares, seja de rua (pelo impeachment, por exemplo), seja de urnas (eleições municipais), houve um forte desejo de mudança e, sobretudo, de negação do sistema político, com algumas exceções. Emergiram com maior ou menor força reivindicações pela volta do regime militar e foram eleitos governantes com perfil empresarial, com discurso pouco afinado com o "politicamente correto", com um discurso diferente, sem falar no número expressivo de votos nulos. O gosto por este tipo de discurso e este desejo de mudança partiu, fundamentalmente, de adultos. Cabe destacar que este tipo de comportamento não se restringe a realidade brasileira.

Por outro lado, mesmo em reação a esta vontade e comportamento mais conservador de diversos povos pelo mundo, emergiram manifestações de jovens que procuram resistir às mudanças em curso. Estes atos de resistência foram mais ou menos observados no Reino Unido após a vitória do "Brexit" e nos EUA após a eleição de Trump, como exemplos, ambos movimentos que refletem posições patriotas ou mesmo nacionalistas de direita. No Brasil, a juventude representa o principal grupo social de resistência ao governo de Michel Temer ao ser o estrato social que tem organizado, mobilizado e manifestado maior indignação pelas medidas anunciadas. Cabe destacar que no governo Dilma, em 2013, a juventude brasileira havia ido para as ruas com muita força também.

Antes do impeachment, secundaristas já haviam ocupado escolas no Estado de São Paulo e forçado o governo estadual a recuar na medida que propunha reestruturar/diminuir o número de escolas. Depois, no mesmo Estado, surgiram escândalos de corrupção envolvendo a compra de merendas escolares, o que fez com que os jovens ocupassem a Assembleia Legislativa do Estado, forçando a abertura de uma CPI para apurar o caso. Depois do impeachment e do governo ter tomado como uma das primeiras medidas a reestruturação das pastas ministeriais e a Cultura perder tal status, diversos equipamentos públicos da área foram ocupados, forçando também o governo recuar. Atualmente, por quase todo o país, mais notadamente, no Estado do Paraná, secundaristas ocupam escolas para demonstrar aos governos federal e estadual que querem ser ouvidos sobre as mudanças que o governo pretendeu, através de decreto, promover na matriz curricular do ensino médio.

Enfim, a juventude demonstra mais uma vez que, em tempos de fortalecimento das ideias conservadoras e de ideologias que enaltecem o individualismo, o autoritarismo, a discriminação, o preconceito, o ódio e vários outros valores que tendem a nos fazer retroceder enquanto sociedade, ela

assume o protagonismo pela luta/resistência. Evidentemente, a juventude não consiste numa massa social e cultural homogênea, outros jovens emergem enquanto organizações para minar a ação dos que lutam contra a perda de direitos, eles acabam reproduzindo explicitamente ideias preconceituosas e violentas.

No Brasil, a organização que conquistou maior visibilidade neste sentido foi o Movimento Brasil Livre (MBL) que cresceu nos atos pelo impeachment de Dilma Rousseff, ganhou espaço no Congresso e na sociedade, favorecidos pela imprensa. Jovens deste movimento atuam para a "desocupação" das escolas, infiltrando secundaristas, entre outras ações de apoio aos governos de direita. Como se sabe, as redes sociais tornaram-se um importante espaço de debate e instrumento para as mobilizações, o que reflete na própria forma de organização destes grupos, mais horizontalizadas.

Existe ainda uma grande massa de jovens que recebe e reproduz mensagens nas redes sociais, mas vive alienada do que se passa no Brasil, sem formar consciência de como as mudanças em curso podem afetar a vida em sociedade. Estes passam a ser "disputados" por grupos à esquerda e à direita. A realidade de trabalho precário, com jornadas longas e exaustivas, parece ser um dos principais motivos que acabam por afastar o jovem das discussões dos grandes temas nacionais.

Publicação recente do Dieese informa que em 2014 haviam pouco mais que 52 milhões de jovens no Brasil (quase 25% dos residentes). Destes, 62,8% são economicamente ativos (participam do mercado de trabalho). Apenas metade destes jovens estão empregados (ocupação formal) e a taxa de desocupação é de 13,6%. Um dado muito interessante é que da população jovem (de 14 a 29 anos), 47,1% apenas trabalhavam e só 15,7% conciliavam estudo e trabalho. Para a organização dos trabalhadores, fazer com que o jovem participe mais do sindicato e das atividades sindicais tem se transformado num imenso desafio. O sindicalismo envelheceu, assim como envelhece a população brasileira. As relações de trabalho também estão passando por transformações, com tendência para o crescimento do trabalho "autônomo-supervisionado" (contratos flexíveis de emprego).

No início deste mês de novembro, a Fetiesc promoveu, como fez nos últimos 9 anos, mais um Encontro Estadual da Juventude Trabalhadora. Participaram de dois dias de atividade de formação e integração, aproximadamente, 200 jovens. Uma pesquisa com os participantes apontou que 86,1% deles eram associados ao sindicato, mas numa aparente contradição, apenas 37,7% afirmaram participar do sindicato. Ou seja, o sindicato parece algo distante. Quando perguntados sobre "o que falta para que o jovem participe mais do sindicato", dentre várias respostas, 19,2% indicaram a falta de informação/conhecimento sobre o sindicato (questão mais mencionada). Cabe informar que, dentre os problemas que mais preocupam o jovem, o desemprego foi o mais citado.

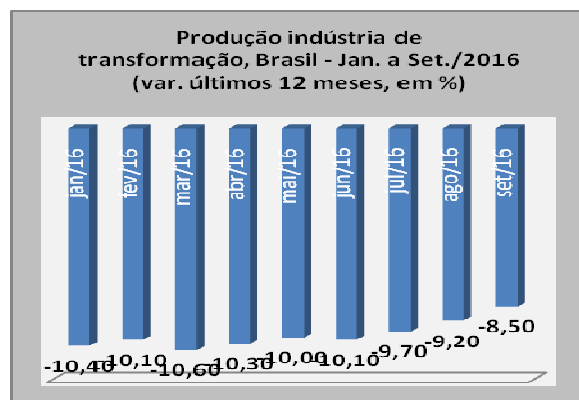
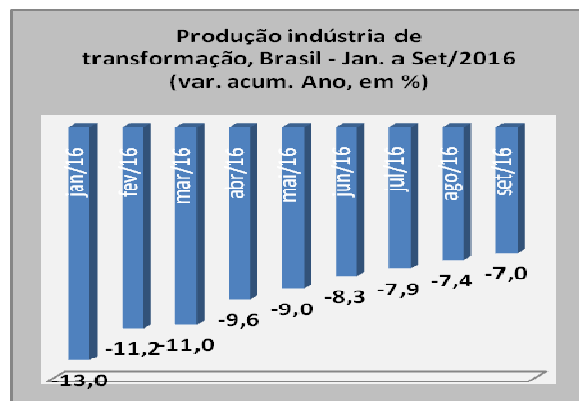
O jovem está sempre relacionado à esperança nos discursos políticos. O papel historicamente desenvolvido pelo sindicalismo no processo civilizatório está em risco e altamente ameaçado, seja pelas forças opositoras, seja pelas próprias fraquezas do sindicalismo. Reverter esse jogo, principalmente depois de um longo período de letargia, não será tarefa fácil. Parece que o sindicalismo precisa da juventude e "precisamos todos, todos, rejuvenescer".

(*) Mairon Edgard Brandes, economista.

Atividade Industrial - Brasil

A produção industrial voltou a apresentar crescimento na série de variação mensal com ajuste sazonal. Na passagem de agosto para setembro houve alta de 0,5% na produção da indústria geral (2,6% na extrativa e 0,2% na de transformação). Com relação a setembro do ano passado e nas comparações do período acumulado neste ano e nos últimos doze meses, a produção da indústria geral, tanto a extrativa, quanto a de transformação, registra recuo neste ano. Nestas comparações, cabe destacar, a indústria de transformação tem um desempenho melhor do que a extrativa.

A indústria de transformação até setembro e nos últimos doze meses, apesar de apresentar queda na produção, registra uma queda menos intensa do que a observada no ano passado, ainda que num patamar bastante elevado. Até setembro de 2015, a indústria de transformação registrou recuo de 9,1% na produção (neste ano a queda foi de 7,0%). Nos últimos doze meses encerrados em setembro de 2015 o recuo era de 8,1% e neste ano foi de 8,5%. A queda ligeiramente maior nesta série neste ano deve-se ao fato de o recorte captar o péssimo resultado da produção industrial no último trimestre de 2015. Os gráficos abaixo ilustram como o desempenho da produção na indústria de transformação apresenta trajetória de recuperação, mês a mês.



Detalhando o desempenho da produção pela grandes categorias, em setembro registraram crescimento, com relação a agosto, a indústria de bens intermediários (1,2%) e a de bens de consumo duráveis (1,9%). Na comparação com setembro de 2015 a retração foi generalizada, assim como quando se compara o período acumulado do ano e os últimos doze meses. Nesse recorte temporal (12 meses), os piores resultados seguem sendo a indústria de bens de capital e a de bens de consumo duráveis com recuo médio de 20,0%, o que revela a gravidade da retração dos investimentos.

O saldo da movimentação de emprego formal na indústria de transformação reflete a melhora do nível de atividade no período recente. Os registros do Caged/MTE já haviam registrado saldo positivo em agosto e continuaram a apresentar em setembro (9,4 mil vínculos). No acumulado do ano, até setembro, o saldo é deficitário em 136,4 mil vínculos (-1,8% com ajustes). Cabe mencionar que no mesmo período do ano passado o saldo era de - 290 mil (-3,5% com ajustes).

A taxa média de utilização da capacidade instalada na indústria, segundo pesquisa da CNI, segue abaixo da registrada no ano passado (77,4%, -0,8 p.p. com relação a setembro de 2015). O faturamento real manteve-se estável na passagem de agosto para setembro, mas registra forte queda na comparação com setembro do ano passado (-15,5%) e no acumulado do ano (-12,4%), segundo a mesma pesquisa de indicadores da CNI. Apesar destes resultados ruins, o Índice de Confiança do Empresário Industrial calculado pela entidade revela otimismo dos mesmos, principalmente com relação ao futuro próximo.

Alguns indicadores tidos como termômetro de atividade revelam que a recuperação da atividade industrial seguirá sendo lenta. O consumo de energia elétrica pela indústria segue crescendo, assim como a produção de aço bruto. A expedição de papelão ondulado (embalagem) voltou a registrar relevante recuo em setembro, depois de ter crescido nos meses anteriores.

Um fator de incerteza e que mina a competitividade da indústria é a taxa de câmbio. A queda do dólar no período recente, que fez com que a taxa efetiva de câmbio caísse 26,0% com relação a setembro de 2015, reflete-se diretamente no aumento do custo unitário do trabalho (28,9%), indicador de competitividade. No ano, no entanto, o CUT apresenta ainda recuo de 3,2% (com uma taxa de câmbio real registrando queda de 2,0%).

Atividade Industrial - Santa Catarina

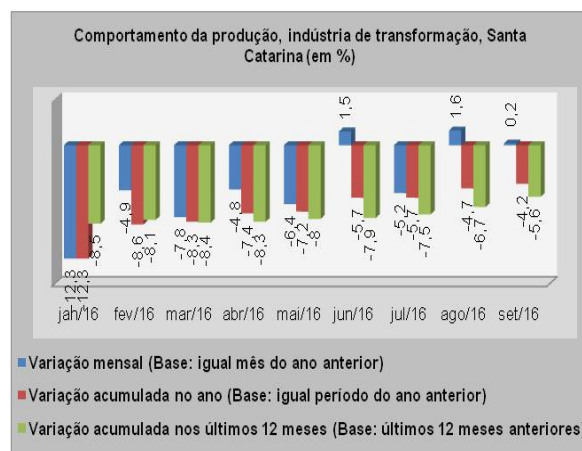
A produção industrial em Santa Catarina apresentou estabilidade, teve variação nula, na passagem de agosto para setembro, na série com ajuste sazonal. Na comparação com setembro de 2015, a variação da produção teve ligeiro crescimento (0,2%). No acumulado do ano, até setembro, houve uma retração de -4,2% na produção industrial no estado catarinense. Na série que considera os últimos doze meses, houve uma queda de 5,6% na produção.

A pesquisa industrial mensal realizada pelo IBGE abrange 14 setores da indústria em Santa Catarina. A produção em setembro, na comparação com o mesmo mês do ano passado, teve crescimento em 7 destes 14 setores. As maiores altas na produção foram registradas no setor de fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias (16,1%); fabricação de produtos têxteis (11,0%) e fabricação de produtos alimentícios (4,5%). O setor de metalurgia registra o principal recuo (-11,3%) neste recorte, na comparação do mês de setembro deste ano com setembro do ano passado.

No período acumulado do ano, dois setores apresentaram crescimento na produção: fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos (4,5%) e fabricação de produtos alimentícios (3,9%). Os setores que registram maior recuo são: fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos (-21,2%); metalurgia (-15,1%) e fabricação de produtos minerais não-metálicos (-13,8%).

Na série que considera o comportamento da produção nos últimos 12 meses, apenas um setor registra crescimento: fabricação de produtos alimentícios (2,9%). Os piores resultados, com queda próxima de 20,0% na produção, foram registrados nos setores de fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos (-19,7%) e metalurgia (-19,3%).

Através do gráfico ao lado pode-se analisar uma tendência de recuperação no desempenho da produção industrial em Santa Catarina neste ano. Nos meses mais recentes, a série de varia-



ção mensal registrou crescimento, o que contribuiu para a melhora no indicador na série acumulada do ano e também na dos últimos 12 meses.

Outro indicador importante desta recuperação vem do mercado de trabalho. Os registros de setembro do Caged/MTE revelam crescimento num volume de quase 6 mil novos vínculos formais de emprego na indústria de transformação no estado catarinense no ano (crescimento de 0,9%). Na passagem de agosto para setembro, houve estabilidade (0,1%).

Nos últimos meses o dólar voltou a desvalorizar-se. Esta dinâmica, associado a retração econômica e queda da demanda em mercados externos importantes, como o da Argentina, fizeram minar a recuperação que vinha observando-se na atividade industrial.

No entanto, com o resultado eleitoral nos EUA e novas perspectivas sobre a possibilidade de elevação da taxa de juros pelo FED, o dólar tende a voltar a valorizar-se, apesar dos movimentos que o Banco Central brasileiro está disposto a fazer para controlar uma alta abrupta, por prejudicar o objetivo central da política monetária que é reduzir a inflação. Para a indústria, os resultados da atividade manufatureira deste ano evidenciam a importância de um dólar mais valorizado.

INDICADORES INDUSTRIAIS - SANTA CATARINA (em %)

PRODUÇÃO (IBGE)	Set/Ago	Set/Set	Até Set	U12M		
<i>Transformação</i>	0,0	0,2	-4,2	-5,6		
<i>Têxtil</i>	-	11,0	-3,3	-6,9		
<i>Vestuário</i>	-	-2,7	-3,7	-1,9		
<i>Celulose, Papel e Produtos de Papel</i>	-	-0,4	-3,7	-3,6		
<i>Borracha e Plástico</i>	-	-0,6	-6,0	-7,7		
FATURAMENTO REAL (Fiesc)	Ago/Jul	Ago/Ago	Até Ago	U12M		
<i>Transformação</i>	-	-	-	-		
<i>Têxtil</i>	-	-	-	-		
<i>Vestuário</i>	-	-	-	-		
<i>Celulose, Papel e Produtos de Papel</i>	-	-	-	-		
<i>Plástico</i>	-	-	-	-		
CAGED - Ind. Transformação (MTE)	Set/Ago	Set/Set	Até Set	U12M		
<i>Saldo (qtde)</i>	921	-	5.948	-22.157		
<i>(%)</i>	0,1	-	0,9	-3,3		
Utilização da Capacidade Instalada (Fiesc)	Ago. 2015		Ago. 2016			
<i>(% média)</i>	-		-			
ICEI - Índice de Confiança do Empresário Industrial (Fiesc)	Out. 2015	Set.2016	Out. 2016			
<i>Condições atuais</i>	-	-	-			
<i>Expectativas</i>	-	-	-			
COMÉRCIO EXTERIOR - BRASIL (Funcex)	Set/Set		Até Set		U12M	
	US\$(%)	Qtde(%)	US\$(%)	Qtde(%)	US\$(%)	Qtde(%)
Exportações						
<i>Têxtil</i>	2,1%	9,2%	9,9%	19,4%	-0,8%	9,9%
<i>Vestuário e acessórios</i>	10,1%	22,7%	-3,7%	13,3%	-8,4%	13,0%
<i>Couro e calçados</i>	11,9%	18,6%	-8,2%	12,6%	-13,6%	10,1%
<i>Papel e celulose</i>	-1,7%	18,5%	-0,3%	11,8%	4,4%	11,8%
<i>Produtos químicos</i>	-3,1%	9,3%	-6,4%	8,3%	-11,6%	5,5%
<i>Produtos de material plástico</i>	-0,9%	2,9%	-5,3%	7,5%	-7,1%	6,2%
Importações						
<i>Têxtil</i>	7,3%	16,0%	-29,6%	-24,3%	-34,3%	-30,4%
<i>Vestuário e acessórios</i>	-53,0%	-53,3%	-49,4%	-52,6%	-41,9%	-44,4%
<i>Couro e calçados</i>	-18,6%	-24,8%	-37,1%	-39,2%	-34,8%	-36,0%
<i>Papel e celulose</i>	-12,9%	-6,9%	-28,2%	-23,5%	-31,9%	-27,4%
<i>Produtos químicos</i>	10,7%	29,6%	-15,5%	-1,4%	-18,8%	-7,1%
<i>Produtos de material plástico</i>	-7,1%	0,0%	-26,6%	-21,5%	-27,7%	-23,4%
Índice de Rentabilidade das exportações (Var.%)	Set/Set		Até Set		U12M	
<i>Têxtil</i>	-20,6%		-2,6%		5,0%	
<i>Vestuário e acessórios</i>	-23,2%		-7,8%		-3,8%	
<i>Couro e calçados</i>	-18,7%		-12,1%		-7,7%	
<i>Papel e celulose</i>	-28,9%		-5,4%		7,2%	
<i>Produtos químicos</i>	-19,9%		-5,5%		-1,1%	
<i>Produtos de material plástico</i>	-14,1%		-3,9%		2,7%	

INDICADORES INDUSTRIAIS - BRASIL (em %)

PRODUÇÃO INDUSTRIAL (IBGE)	Set/Ago	Set/Set	Até Set	U12M
<i>Geral</i>	0,5	-4,8	-7,8	-8,8
<i>Extrativa</i>	2,6	-9,2	-12,6	-11,3
<i>Transformação</i>	0,2	-4,1	-7,0	-8,5
Grandes categorias				
Bens de capital	-5,1	-7,2	-15,0	-19,8
Bens intermediários	1,2	-4,1	-7,6	-8,1
Bens de consumo	-0,5	-5,7	-6,4	-7,6
Bens de consumo - <i>duráveis</i>	1,9	-6,5	-18,6	-21,2
Bens de consumo - <i>semiduráveis e não duráveis</i>	-1,0	-5,5	-3,1	-3,9
FATURAMENTO REAL (CNI)	Set/Ago	Set/Set	Até Set	U12M
	0,1	-15,5	-12,4	-
NÍVEL DE ESTOQUES (CNI)	-	Set. 2015	Ago. 2016	Set. 2016
Relação efetivo-planejado	-	51,6	50,8	49,6
TERMÔMETROS DE ATIVIDADE	Set/Ago	Set/Set	Até Set	U12M
Expedição de papelão ondulado (ABPO)	-4,1	-3,1	-1,6	-
Consumo de energia elétrica industrial (EPE)	-	-0,1	-3,7	-4,8
Produção de aço bruto (Aço Brasil)	-	3,1	-9,3	-
CAGED - Ind. Transformação (MTE)	Set/Ago	Set/Set	Até Set	U12M
<i>Saldo (qtde)</i>	9.363	-	-136.422	-461.609
<i>(%)</i>	0,1	-	-1,8	-5,8
Utilização da Capacidade Instalada (CNI)	-	Set. 2015	Ago. 2016	Set. 2016
<i>(% média)</i>		78,2	77,7	77,4
ICEI - Índice de Confiança do Empresário Industrial (CNI)	-	Out. 2015	Set. 2016	Out. 2016
		35,0	53,7	52,3
<i>Condições atuais</i>		26,5	44,0	43,3
<i>Expectativas</i>		39,3	58,7	56,8
COMÉRCIO EXTERIOR (Funcex)		Set/Set	Até Set	U12M
Exportação - manufaturados				
<i>Quantum (%)</i>		18,6	15,8	14,0
<i>US\$ (%)</i>		17,8	0,1	-1,6
Importação - total				
<i>Quantum (%)</i>		8,4	-16,4	-18,8
<i>US\$ (%)</i>		0,4	-24,7	-27,9
Índice de Rentabilidade das exportações - total (%)		-14,7	-5,8	-1,7
Índice de Termos de troca - total (%)		7,4	-2,3	-5,4
INDICADORES DE COMPETITIVIDADE (BCB)		Set/Set	Até Set	U12M
Custo unitário do trabalho (Var.%)		28,9	-3,2	-
Índice de taxa real de câmbio efetiva (Var.%)		-26,0	-2,0	-
Índice de taxa real de câmbio corrigida pela produtividade (%)		-33,3	-13,0	-

INDICADORES DO MERCADO DE TRABALHO

Custo de Vida				
Inflação			Set (%)	Var. 12 meses (%)
ICV/DIEESE			0,03	8,08
INPC/IBGE			0,08	9,15
IPCA/IBGE			0,08	8,48
IGP-DI/FGV			0,03	9,74
IGP-M/FGV			0,20	10,66
IPC/FIPE			-0,14	8,26
Cesta Básica	Florianópolis	Set	Variação acum. no ano (em %)	5,89
			Valor mensal (em R\$)	449,05
Salário Mínimo Necessário e Piso Regional Catarinense				
Salário Mínimo Nacional		Setembro	Valor nominal (em R\$)	880,00
Salário Mínimo Necessário		Setembro	Valor nominal (em R\$)	4.013,08
		Faixa I	Valor nominal (em R\$)	1.009,00
Piso Regional SC		Faixa II	Valor nominal (em R\$)	1.048,00
		Faixa III	Valor nominal (em R\$)	1.104,00
		Faixa IV	Valor nominal (em R\$)	1.158,00
Movimentação do Emprego - Indústria de Transformação no Brasil				
		Total Admissões	Total Desligamentos	Saldo
		<i>(Qtde)</i>	<i>(Qtde)</i>	<i>(Qtde)</i>
Em setembro¹		199.594	190.231	9.363
No ano²		1.890.021	2.026.443	-136.422
Nos últimos 12 meses³		2.357.664	2.819.273	-461.609
				Var. Emprego
				<i>(%)</i>
				0,1
				-1,8
				-5,8
<small>(¹) Variação considera o estoque do mês anterior; (²) Variação considera o estoque do mês atual e do mês de dezembro do ano anterior, com ajustes; (³) Variação considera o estoque no mês atual com o estoque do mesmo mês do ano anterior, com ajustes.</small>				
Movimentação do Emprego - Indústria de Transformação em Santa Catarina				
		Total Admissões	Total Desligamentos	Saldo
		<i>(Qtde)</i>	<i>(Qtde)</i>	<i>(Qtde)</i>
Em setembro¹		20.207	19.286	921
No ano²		203.782	197.834	5.948
Nos últimos 12 meses³		246.226	268.383	-22.157
				Var. Emprego
				<i>(%)</i>
				0,1
				0,9
				-3,3
<small>(¹) Variação considera o estoque do mês anterior; (²) Variação considera o estoque do mês atual e do mês de dezembro do ano anterior, com ajustes; (³) Variação considera o estoque no mês atual com o estoque do mesmo mês do ano anterior, com ajustes.</small>				
Rendimento Médio Real Habitualmente Recebido pelos Ocupados (todos os trabalhos)				
Brasil		Valor (em R\$)		2.015,00
		Jul. a Set. 2016/idem ano anterior (em %)		-2,1
Santa Catarina		Valor (em R\$)		2.048,00
		2º trimestre 2016/idem ano anterior (em %)		-8,5
Massa Real de Rendimentos Habitualmente Recebidos pelos Ocupados (todos os trabalhos)				
Brasil		Valor (R\$ em milhões)		176.787,00
		Jul. a Set. 2016/idem ano anterior (em %)		-3,8
Santa Catarina		Valor (R\$ em milhões)		6.805,00
		2º trimestre 2016/idem ano anterior (em %)		-10,3
Taxa de Desocupação				
Brasil		Jul. a Set. 2016 (em %)		11,1
		Jul. a Set. 2016/idem ano anterior (em p.p.)		2,9
Santa Catarina		2º trimestre 2016 (em %)		6,7
		2º trimestre 2016/idem ano anterior (em p.p.)		2,8

INDICADORES MACROECONÔMICOS

PIB Trimestral (em %)					
	Indústria	FBCF	Cons.Fam.	Cons.Gov.	PIB
2º trim. 2016 / 1º trim. 2016	0,3	0,4	-0,7	-0,5	-0,6
2º trim. 2016 / Idem 2016	-3,0	-8,8	-5,0	-2,2	-3,8
IBC-BR (em %)					
	Ago/Jul	Ago/Ago	Até Ago	U12M	
	-0,9	-2,7	-5,0	-5,5	
Finanças Setor Público					
	Até Set. 2015		Set. 2016	Até Set. 2016	
	R\$ mi	% PIB	R\$ mi	R\$ mi	% PIB
Resultado Primário	-8.423	-0,2	-26.643	-85.501	-1,9
Juros Nominais	-408.319	-9,3	-40.458	-295.033	-6,4
Resultado Nominal	-416.742	-9,5	-67.101	-380.534	-8,3
	<i>Dívida Bruta do Governo Geral (% PIB)</i>				70,7
	<i>Dívida Líquida do Governo Geral (% PIB)</i>				45,8
Setor Externo					
	Até Set. 2015		Set. 2016	Até Set. 2016	
	US\$ mi		US\$ mi	US\$ mi	
Transações Correntes	-49.214		-465	-13.582	
	<i>Bal. Coml.</i>		8.931	34.199	
Conta Financeira	47.879		92	7.812	
	<i>IDP</i>		5.233	46.335	
	<i>Saldo de transações correntes (U12M % PIB)</i>				-1,3
	<i>Necessidade de financiamento externo (U12M % PIB)</i>				-2,8
Câmbio					
				Set. 2015	Set. 2016
Taxa média - venda (R\$/US\$)				3,91	3,26
<i>Varição real da taxa de câmbio - dólar americano - (IPA-DI) (U12M em %)</i>				-	-24,9
<i>Varição real da taxa de câmbio - dólar americano - (IPCA) (U12M em %)</i>				-	-21,9
Inflação					
			Set. 2015	Set. 2016	Var. (p.p.)
IPCA (U12M %)			9,49	8,48	-1,0
INPC (U12M %)			9,9	9,15	-0,8
Juros					
			Set. 2015	Set. 2016	Var. (p.p.)
Meta da taxa Selic (% a.a.)			14,25	14,25	0,0

Economia para Trabalhadores - Ano IV, edição XLI, outubro de 2016. Periodicidade mensal. Subseção do Dieese na Fetiesc.

EXPEDIENTE DA FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DE SANTA CATARINA - Presidente: Idemar Antonio Martini; Vice-Presidente: Rosane Sasse; Secretário Geral: Landivo Fischer.

EXPEDIENTE DO DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS - DIEESE - Direção Técnica: Clemente Ganz Lúcio; Coordenação Executiva: Patrícia Pelatieri; Coordenação Administrativa e Financeira: Rosana de Freitas; Coordenação de Educação: Fausto Augusto Junior; Coordenação de Relações Sindicais: José Silvestre Prado de Oliveira; Coordenação de Estudos e Desenvolvimento: Angela Schwengber; Supervisor Regional do Dieese/SC: José Álvaro Cardoso; Técnico Responsável pelo Boletim: Mairon Edegar Brandes.